



A reorganização dos arranjos subjetivos a partir da construção de um inimigo comum

The reorganization of subjective arrangements from the construction of a common enemy

Pedro Francisco Marchioro¹

Resumo: *O presente artigo resulta de uma investigação dos conflitos surgidos entre habitantes da região sul do Rio Grande do Sul e trabalhadores advindos das mais variadas regiões do Brasil atraídos pela abertura de milhares de postos de trabalho no Polo Naval de Rio Grande entre 2013 e 2016. Os nativos acusavam a invasão e a desordem que os migrantes “bairianos” estariam causando na cidade outrora equilibrada, tranquila e organizada. A pesquisa tomou a figura do “bairiano”, tal como perfilada nos discursos de seus enunciadores, como uma pista para a compreensão do conflito mesmo. Sendo assim, percebia-se primeiramente que a designação “bairiano” não obedecia a qualquer correspondência geográfica com os habitantes do estado da Bahia, mas a uma variedade de indivíduos que poderiam ser tanto bairianos quanto cariocas, paulistas, catarinenses, de modo que a categoria mostrou-se operar a partir de outros esquemas de demarcação. Observou-se então que “bairiano” era uma ferramenta criada pelos habitantes da cidade para condensar os migrantes “estrangeiros” que perturbavam sua realidade e direcionar à figura uma série de alegações e acusações daquilo que em seu sistema moral era tido como negativo e inaceitável.*

Palavras-chave: *sensibilidades, migrações, identidades, Polo Naval.*

Abstract: *This article results from an investigation of the conflicts that arose between inhabitants of the southern region of Rio Grande do Sul and workers from the most varied regions of Brazil attracted by the opening of thousands of jobs in the Naval Pole of the city of Rio Grande. Between this period, there was a strong conflict between the Rio Grande do Sul and the workers from the rest of the country attracted by the jobs that were opened there. The natives accused the invasion and disorder that the “bairiano” were causing in the once balanced, quiet and organized city. The research took the figure of the “bairiano”, as outlined in the speeches of its enunciators, as a clue to the understanding of the same conflict. Thus, it was first perceived that the designation “bairiano” did not correspond to any correspondence with the inhabitants of the state of Bahia, but to a variety of individuals who could be both Bahia and Cariocas, from São Paulo, from Santa Catarina, so that the category operated from other*

¹Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas e Mestrado em Sociologia pela UFPel. Entre suas pesquisas destacam-se as áreas da Sociologia do Trabalho, das Migrações e Identidades, assim como a Sociologia da Cultura, Desigualdade e Violência social. É membro do Núcleo de Estudos do Polo Naval, do projeto de pesquisa Imigrantes Haitianos no Paraná: preconceito, integração e capital mobilidade e do projeto A Reflexividade na Sociologia e nas ciências sociais contemporânea. Atualmente suas investigações circulam sobre os seguintes temas: migração, sociologia do desvio, desigualdade, violência, identidade e diferença, globalização. E-mail: pedro-marchioro@live.com



schemes and paths. It was then observed that "baiano" was a tool created by the inhabitants of the city to condense the "foreign" migrants who disturbed their reality and to direct to the figure a series of allegations and accusations of what in their moral system was considered as negative and unacceptable.

Keywords: sensitivities, migrations, identities, Naval Pole.

Introdução

Este trabalho se insere na problemática abordada na literatura sociológica sobre as mudanças ocorridas no modo como as relações sociais passaram a se organizar a partir da segunda metade do século XXI. Alguns autores têm destacado a globalização como variável central de caracterização do mundo contemporâneo enquanto destituído dos limites que demarcavam os espaços sociais e guardavam suas referências (HALL, 2011). Nesse sentido, a circulação do termo "pós-modernidade" lança luz aos níveis profundos que tais mudanças atingiram, perfazendo uma "crise" nos quadros de referências, isto é, uma impossibilidade de encontrar os mesmos elementos simbólicos que orientavam os atores no mundo social, ou de trabalhá-los da mesma maneira dado o caráter descontínuo e instável do novo substrato em que habitam (HALL, 2011).

Uma vez que se torna claro que tanto o entendimento objetivo que se faz desses indivíduos quanto o próprio modo como estes se experienciam subjetivamente são oriundos de seu "exterior constitutivo" (HALL, 2011), haveria que se analisar como os agentes operam em situações de mudanças repentinas, de interrupção ou ruptura com a continuação de sua vida diária devido às mudanças estruturais apontadas. Este trabalho tem primeiramente o propósito de compreender como ocorre essa articulação, isto é, como os agentes sociais operam subjetiva e objetivamente em situações de mudanças ou desestabilizações nas estruturas da realidade.

Um segundo eixo de reflexão gira em torno das regras que sustentam as relações sociais, sendo elas mesmas proponentes de um quadro de classificações em que certas atitudes seriam encorajadas e outras seriam depreciadas e punidas. Tem-se aqui que é a partir da incorporação destas regras e da sua efetivação nas relações sociais que os agentes organizam sua estrutura emocional, vindo a experimentar sensações de prestígio, honra e orgulho, assim como de vergonha e embaraço (LAHIRE, 2004; ELIAS e SCOTSON, 2000). É a partir desses sistemas de classificações levados a cabo nas



relações sociais e por meio delas atualizados que os agentes avaliam a si mesmo e aos outros.

O universo de análise da pesquisa que deu origem ao artigo é a cidade de Rio Grande/RS em um contexto de instalação de um Polo Naval, entre 2013 e 2016, que acabou por gerar grande impacto na região e originar uma série de tensionamentos em sua realidade². Do encontro entre a população local e a presença expressiva dos “estrangeiros”, emergiram as primeiras acusações do “baiano”. A representação do “baiano”³ pressupõe um objeto a partir do qual se pode analisar os processos de estruturação social do Polo Naval de Rio Grande/RS. É dizer que determinadas conjunturas sociais emitem signos que articulam signos e os libera em representações que os agentes agenciam para ancorar suas identidades enquanto sentido de si e do mundo (BAKHTIN, 1981; ELIAS, 1994). Desse modo, o “baiano” constituiria uma pista para o rastreamento e compreensão daquilo que se passava nas subjacências dos conflitos que emergiam na forma de acusações e agressões mútuas a partir de demarcações um tanto fracas para a justificação da contundência que assumia a proporção de tais conflitos.

Enunciado pelos nativos riograndinos, o termo “baiano” passa a ser re-significado em sua carga valorativa para atuar como um pejorativo, isto é, buscando depreciar o objeto ao qual se dirige em vista de obter a conservação das posições sociais que lhe davam vantagens em seus agenciamentos (BOURDIEU, 2011). O movimento, por suposto, refaz um percurso já observado em outras experiências. Sabe-se que há divisões no país, mais ou menos explícitas, referentes aos supostos graus de aproximação ao ideal civilizatório (SOUZA, 2015). Assim, no discurso popular, os habitantes do sul colonizado por europeus (alemães, italianos, poloneses, portugueses), seriam mais civilizados do que a parte norte marcada pela descendência não-europeia. Esse saber popular oscila em sua força de institucionalização, isto é, de produção de disposições e condutas e, portanto, da realidade, uma vez que, como posto na afirmação de Willian Thomas,

²Este artigo é parte de uma pesquisa de dissertação de mestrado defendida em 2016 na Universidade Federal de Pelotas, e de sua continuação no doutorado atualmente em curso na Universidade Federal do Paraná.

³Nesse artigo os termos “bairanos” e “gaúchos”, assim como outros, aparecerão sempre entre aspas para enfatizar a dimensão simbólica e figuracional nos quais estão imersos. Esquiva-se, portanto, de qualquer consideração objetiva do que seria o gaúcho de fato, tomando os termos sempre “entre parênteses” (SCHUTZ, 2011) isto é, a partir da representação que assumem na percepção e narrativas dos agentes e nunca se mostrando como tal em uma suposta realidade objetiva e absoluta.



aquilo que uma coletividade define como realidade torna-se real em suas consequências (BECKER, 2008).

Nesse sentido, as tentativas de associação dos nordestinos e nortistas com sentidos negativos tem longa data. Caberia-nos investigar as feições específicas, os processos e elementos contextuais envolvidos nesse caso. Interessa-nos operar uma genealogia do processo de construção da identidade do “baiano”, visto que a divisão que se produziu entre nativos riograndinos de um lado e migrantes “estrangeiros” de outro, aparecia sempre mediada por essa problemática.

Busca-se delinear as porções nos arranjos emocionais e sensíveis em que os nativos, manuseadores de tal signo, são afetados para compreender a superfície das expressões raivosas, do repugno e da aversão profunda de que os nativos são acometidos por estes sujeitos, os “bairanos”, que só muito recentemente passaram a existir em sua realidade. A pergunta norteadora aqui é como se pode sentir profunda aversão, e se dispor de uma ampla gama de justificativas de vieses variados, por um elemento que tem uma história muito curta em dada realidade.

O postulado que se dispõe é de que os “bairanos” constituiriam uma ameaça aos nativos, e que a construção dessa figura faria parte de estratégias de conservação de sua realidade e, nesse sentido, de manutenção da própria sobrevivência do nativo. É dizer que, uma vez que a multiplicidade dos “estrangeiros” desordenam e desestabilizam a realidade local, eles acabam não somente por ameaçar a realidade em que o nativo se socializou, mas por usufruir das vantagens e satisfações merecidas apenas aos nativos. Neste sentido, o signo “baiano” é parte de um dispositivo de manutenção e conservação da realidade riograndina tal como esta é construída e vivenciada pelo riograndino.

1. O contexto de emergência do “baiano”

A pesquisa foi iniciada com as primeiras verificações do uso que os habitantes da cidade de Pelotas, que trabalhavam ou circulavam na cidade de Rio Grande, faziam do termo “baiano”. Nas primeiras buscas teve-se uma pista de que a questão do “baiano” extrapolava os recortes tradicionais de classe, raça, gênero. Os elementos que caracterizam tais recortes ou não se faziam presentes ou não assumiam papel preponderante,



como se pode ver neste comentário recolhido da internet: “São meio espaçoso, fazem uma certa anarquia tipo festa fora de hora, som alto em lugares impróprios, onde moram outras pessoas”⁴.

Levando em conta os estudos sobre a globalização, o universo de análise da pesquisa é tomado como composto por níveis, escalas ou campos que participam em sua composição, porém mantendo uma “autonomia relativa” (ELIAS, 2000; BOURDIEU, 2011). Desse modo, buscou-se abordar o objeto no que se entendeu serem os principais contextos que delineavam o universo de análise, tal como o espaço das relações de trabalho, o próprio cotidiano das relações diretas que transcendem o espaço laboral, e os meios de comunicação, mais especificamente a internet. Assim a figura do “baiano” poderia ser tomada tal como evocada em cada um desses espaços e ao final comparada para observar sua construção em um todo e ponderar sobre os lugares comuns em que o estrangeiro tocava as sensibilidades nativas. Vejamos um panorama geral de nosso universo de análise.

O contexto em que se insere o objeto é a cidade de Rio Grande-RS em que se instalou o Polo Naval entre 2005 e 2006. Segundo dados do próprio Polo Naval, em 2008 Rio Grande somava aproximadamente 157 mil habitantes, subindo para 197 mil em 2010⁵. A cidade até então apresentava uma atividade comercial estável, porém pouco expressiva, chegando a figurar, no início do século XXI, como uma “típica área de estagnação econômica”, segundo o Ministério da Integração Nacional (*apud* CARVALHO e DOMINGUES, 2013; p. 9). Contudo, com a entrada da indústria naval e dos megainvestimentos através do Polo, Rio Grande passou a ser palco de uma intensa movimentação, promessas e expectativas de desenvolvimento e mudanças (CARVALHO e DOMINGUES, 2013). Aos olhos de seus habitantes, essas promessas eram esperadas como:

uma melhoria com aumento de suas liberdades que lhes possibilita alcançar serviços educacionais e saúde, aumentar a renda seja por meio da inovação produtiva ou do acesso a empregos e incluir-se socialmente por meio da participação social (BASTIAN e KRONE, 2014; p. 22).

⁴Buscou-se aqui manter o material colhido nas redes sociais em seu formato original, com as letras maiúsculas, as abreviações e as expressões, uma vez que se entende que são parte do conteúdo mesmo e carregam informações importantes para a compreensão da problemática

⁵Segundo o site a época “estima-se que até 2020 esse número chegue a 450 mil habitantes.” (ver: http://www.polonavals.com.br/index.php?n_sistema=3043&idiomas=pt).



Houve, nesse sentido, um grande volume investimentos e recursos vindos de outros lugares do Brasil e do mundo que, de acordo com o Plano Diretor do Polo Naval, alteraram “significativamente o perfil produtivo da metade sul, bem como suas condições socioeconômicas” (PDPN, p. 4). Rio Grande passou a ser vista - pelo Governo Federal e pelos players do mercado global - como um ponto estratégico para o avanço na relação da região com o mundo, e, como afirmam Carvalho e Domingues, as “relações entre o endógeno e o exógeno são essenciais ao processo de desenvolvimento local” (2013; p. 5).

De início, junto aos elementos “exógenos” trazidos com o Polo, constatou-se a chegada de migrantes vindos, em sua maioria, em busca dos postos de trabalho abertos no Polo. Esses migrantes, tidos pelas próprias políticas locais como “forasteiros” (PNPD, 2012), são pessoas de todas as partes do país, com feições e traços diferentes, apresentando sotaques e comportamentos contrastantes com o perfil local. Nas conversas com os habitantes locais, ouvia-se com frequência o relato de que por aquela época - mais especificamente entre 2012 e 2013, período ápice da atividade no Polo - “sentia-se algo diferente”, “as coisas estavam diferentes”, dizia-se, mesmo que não se soubesse dizer exatamente o que havia mudado. O ambiente havia se alterado, o ritmo das ruas tinha sido acelerado por fluxos de trabalhadores com uniformes coloridos das novas empresas prestadoras de serviços no setor portuário (CARVALHO e DOMINGUES, 2013).

Observou-se ainda um aumento na demanda dos serviços - formais e informais. Os restaurantes, as lojas, as pensões, os hotéis, os bares, os camelôs, os cabarés, os traficantes, as garotas e garotos de programa, toda essa rede comercial, foi abastecida por uma nova clientela de caras novas, que se misturavam, usavam roupas incomuns, e traziam um jeito “esquisito”, “arrastado”, “rápido”, “confuso”, “nojento” de falar e de se comportar. A figura do “baiano” começava a ser gestada aí. Nos meios de comunicação, começava a aparecer a preocupação com os “trabalhadores vindos de fora”:

Tem sido cada vez mais comum a presença de cariocas, paulistas, mineiros, cearenses, entre outros, nos mais diversos segmentos da cidade. Especialmente com o incremento do Polo Naval, as empresas buscam mão de obra qualificada e, com escassez na cidade, acabam trazendo empregados de outros lugares. (Jornal Agora, 2012)

Não tardou a aparecer alguns crimes praticados pelos “forasteiros”:



“Quadrilha baiana assaltou carro-forte em Rio Grande, revela polícia. Felipe Osório Mota, de 24 anos, Paulo Roberto Miranda Filho, de 24 anos, e Eric Muller Alves de Lira, de 29, estão na penitenciária. Rafael Santana Soledade, de 23 anos, ficou ferido e morreu no hospital. Um quinto homem que também estava no veículo está sendo procurado. Todos são naturais da Bahia.” (G1, 2014)

É desse encontro inicial da população local com a variedade confusa de “estrangeiros”, das relativas rupturas na dimensão simbólica do cotidiano local, que emergirão as primeiras denúncias e acusações do (mal) comportamento do “baiano”. Em um primeiro movimento, o “baiano” teria a mesma função de qualquer signo, a saber, gerar sentido e inteligibilidade a algum ente mundano. A situação, todavia, se encaixa em observações já vistas na etnometodologia, de desestabilização da realidade e abertura de brechas em que se instalariam vazios geradores de insegurança ontológica:

Os experimentos têm demonstrado que, com grande rapidez, os envolvidos na circunstância de privação repentina de significados e, portanto, de orientação e referência, são capazes de criar significados substitutivos e restabelecer as relações sociais interrompidas ou, mais que isso, ameaçadas de ruptura (MARTINS, 2010, p. 55).

Portanto, o designativo “baiano” emerge como uma categoria da qual o habitante local se servirá para identificar os elementos desconhecidos dessa nova realidade social com que se depara, organizá-la subjetiva e objetivamente.

2. A construção do “baiano”

As ruas apresentam fluxos mais caudalosos de pessoas, o mercado de trabalho está aquecido mas o nativo tem dificuldade em ingressar devido a sua baixa qualificação para os serviços, o preço dos imóveis e demais produtos começam a subir. O “baiano”, essa representação falsa, posto que jamais encontra correspondência com a realidade, consegue, em princípio, dar uma sensação de ordem às coisas ao se posicionar como um lugar comum para o qual as emoções contidas podem ser liberadas e proporcionar algum efeito catártico. O “baiano” representa a causa de todo o distúrbio que o nativo vivencia. Mas para cumprir essa função com eficácia ele deve ser operacionalizável, ou seja, identificado com facilidade e clareza, e, uma vez o feito, ser justificável, isto é, envolto em uma rede de argumentações que legitimem tais ações vexatórias:

“Eu tenho *nojo* dessa gente, um bando de maloqueiros porcos, baianos, cariocas e merda é tudo a mesma coisa. Fora nordestinos!” (itálico adicionado)



“Não dá pra negar que baianos, cariocas e outros “invadiram” a cidade”.

O fato, por exemplo, de se encontrar disposições semelhantes em todo o sul do país é uma forma de aumentar a sua força justificatória, a legitimidade das asserções contra o “baiano”. “Baiano”, assim como “paraíba”, já circulava nas conversas dos habitantes do sul, sempre em tom pejorativo, aludindo à preguiça, ao carnaval, à dança, aos trabalhos desprestigiados que ocupam no sul do país, etc. O termo é então aproveitado no contexto em função de sua existência prévia e repentina. O fato de já existir antes da situação riograndina reveste de maior credibilidade as acusações dos nativos, permitindo fazer regressões que ampliem o perímetro da comunidade contra o inimigo “baiano”, em afirmações como “os catarinenses dizem o mesmo”, e aí em diante.

O problema da inteligibilidade chamou atenção durante a pesquisa. A princípio, o “baiano” funcionaria como um “saco vazio” (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 20) no qual é depositado uma série de atributos negativos identificados nos corpos dos estranhos encontrados na vida diária. Tudo aquilo que é indesejado pode ser lançado contra esta figura para justificar sua inferioridade. No entanto há níveis de dificuldade quanto a esta operação. Os diferentes níveis sociais que a expressão atravessa, em termos de escolaridade e qualificação, por exemplo, cobram outros demarcadores para sua identificação. Um engenheiro do alto escalão do polo naval, por exemplo, não expressa a mesma aversão, ou não pelos mesmos motivos, do que um vizinho de um “baiano”. Assim, deve haver um trabalho de construção do “baiano” que o dote de consistência para suportar os relativos deslocamentos topográficos. Quanto maiores e mais fortalecidos os canais do consenso sobre o que vem a ser um “baiano” e do por quê ele é lançado em uma posição inferior, maior a possibilidade da categoria cumprir com sua função, a saber, de restabelecimento da ordem e conservação da realidade em harmonia com o agenciamento dos nativos.

No seguinte comentário extraído da internet, pode-se ver uma das primeiras tentativas de reduzir e definir o “baiano” na realidade embaraçada com que o riograndino se deparava:

A maioria [dos “baianos”] é abusada mesmo...até que agora deu uma parada porque no início quando chegaram tava demais mesmo. Não generalizando todos, mas tava complicado a situação. Agora tem de tudo em Rio Grande, baiano, piauense, paulista, carioca...Tem gente até que



confunde AH E DE FORA DEVE SE BAIANO kkkk mas que barbaridade!

3. Exposição do universo teórico

São dois problemas com que os nativos têm que lidar. Primeiramente o peso do impacto que o próprio empreendimento do Polo Naval vem causar em uma cidade marcada por uma economia tímida e pela densidade demográfica estável. O segundo problema diz respeito aos “desvios” que os migrantes passam a apontar na realidade riograndina. Atos insignificantes como andar, comer e se vestir tornam-se temas de discussão aos riograndinos em função do comportamento transgressor do “estrangeiro”. No período anterior ao Polo, estas pequenas coisas eram simplesmente feitas, automática e mecanicamente, as mudanças aconteciam porém harmonizada em avanços graduais. O imigrante, como afirma Bourdieu⁶, obriga a repensar os fundamentos da realidade em que se insere, seja no que toca às políticas de Estado ou mesmo às ínfimas questões cotidianas, àquilo que é simplesmente feito, naturalizado, mas nunca objeto do pensamento consciente. O “estrangeiro”, como teorizado por Schutz (2012), é justamente aquele que traz outra realidade incorporada, e que vem mostrar que a realidade do nativo não é a única possível e muito menos é digna de verdade.

O estrangeiro, pela própria definição do termo, é aquele que rompe com o que Goffman (1975) chama “expectativas normativas”, ou seja, experiências incorporadas na forma de conhecimento que permite prever e agir com base nessa previsão do que ocorre nas interações das situações sociais. Como estas normas são aprendidas em infância, não nos damos conta de que dominamos um conjunto bastante complexo sobre os códigos das realidades que compõem nosso mundo social. Como todos ao nosso redor também praticam habilmente estas normas, ignoramos ou suspendemos o fato de elas serem criadas e aprendidas. O estrangeiro, por não tê-las aprendido em infância, acaba inevitavelmente por infringi-las e, afirma Goffman, é somente quando isso acontece que podemos nos dar conta de que estivemos trabalhando a partir de tais expectativas, que elas não são naturais e assim por diante.

Na variação de escalas das diferenças e semelhanças, encontramos com experiências em que os critérios de diferenciação entre o que é um nativo/normal e um es-

⁶Ver prefácio à obra *A Imigração* de Abdelmalek Sayad.



trangeiro/desviante varia. Operar esta diferenciação definitiva e diferenciá-la por vezes torna-se um problema para sociedades que buscam legitimar sua identidade dentro de um sistema classificatório coerente. O estrangeiro muitas vezes é uma peça fundamental nessa construção.

Norbert Elias debruçou-se sobre este problema em *Os Estabelecidos e os Outsiders* (2000). Ao ser convidado a estudar a configuração conflituosa que caracterizava a comunidade de Winston Parva, teve de se perguntar porque grupos de uma mesma região se desprezavam com tamanha contundência. Não havia nenhuma diferença de classe, raça ou nacionalidade entre eles. Essa diferença teve então de ser fabricada pelos habitantes estabelecidos. Elias afirma que todas as diferenças que aparecem para nós de forma clara e “óbvia”, são frutos de um longo processo de construção na história, ao ponto de institucionalizar-se no espaço social e afixar-se em nossas mentes como categorias de percepção do mundo. Assim, torna-se fácil distinguir uma diferença pela cor da pele e atribuir-lhe uma qualidade de “raça”, mas isso teve de ser construído com grande investimento ao conjunto dos saberes das sociedades.

Como já muito explorado na literatura sobre o tema, a inferiorização de grupos a partir de demarcadores fabricados, tem o efeito de liberar determinadas práticas violentas contra os mesmos. A supressão de sua semelhança, de sua natureza humana compartilhada, permite que se infrinja sobre os mesmos humilhações e torturas sem que isso retorne sobre a forma de culpa ou arrependimento. Ao mesmo tempo, a eleição de um inimigo comum reforça os laços internos entre indivíduos de uma mesma comunidade. Um exemplo clássico é o da comunidade branca do ocidente frente aos negros no regime de escravidão que durou séculos. Há outros casos, porém, em que não há tanta obviedade na justificativa de tal hierarquização. É o caso dos judeus no regime nazista por exemplo.

A pujante máquina de propaganda nazista teve de direcionar vastos recursos para a demonização do judeu justificando-o como agente de perturbação social, de espoliação econômica e degeneração racial, caricaturando-o com nariz grande, face deformada, corpo franzino, etc. Ainda assim os primeiros empreendimentos fracassaram. Uma vez que o judeu não se encaixava na caricatura, terminou-se por impor o uso da faixa no



braço com a estrela de David. A partir de então, estrela de David passou a significar permissão para o escárnio e a exteriorização de todo o tipo de impulso violento.

Passando ao largo da comparação com os nazistas, mas aproveitando os esquemas de produção de diferenças, havia toda essa dificuldade, por parte do grupo estabelecido riograndino, em construir e legitimar seus impulsos em relação ao “baiano”. O “baiano” podia ser facilmente encaixado em um sistema moral preexistente que envolvia concepções simples e universais, como roubar por exemplo. Vejamos os comentários surgidos abaixo nessa notícia: “*Quadrilha baiana assaltou carro-forte em Rio Grande, revela polícia. Uma pessoa morreu e outras três foram presas, nessa sexta-feira.*” Entre os comentários abaixo estavam:

Roque: - Só um? A polícia precisa melhorar a pontaria? Luiz: - Quem manda a Ecovix⁷ deixar um monte de desempregados num pagar kit dos caras, da nisso ae. Bruno: - Esses *cambada de filho de uma puta* só queima o estado, tem que dá fim logo nesses *insetos* (Correio do Povo, 2015). (grifos do autor)

Outros casos houveram de crimes com larga repercussão levados a cabo por migrantes nordestinos. Há, no entanto, gestos mais comuns como falar em tom destoante, exibir sua bebida, caminhar lentamente, e outros atos que seriam irrelevantes dependendo do contexto mas que aqui tornam-se materiais significativos de amplificação do “baiano”. Como nesses comentários recolhidos na internet:

Como identificar um baiano do polo naval em Rio Grande: É muito fácil, se tiver um celular num ouvido e uma latinha na mão, já achou.
Chinelo de dedo e celular no ouvido... FOGE QUE É BAIANO! Hahaha
As ideias dos baianos: andar de casaco e de bermuda. Vou ter de apresentar a calça pra eles!

O problema, mais uma vez, é que atributos como esses não dão conta de sustentar uma identidade com a densidade necessária que tais antagonismos requerem. Primeiramente porque não é aos olhos de todo o riograndino (um grupo bastante heterogêneo e talvez só exista mesmo nas abstrações que a pesquisa exige) que beber ou andar de chinelo constitua a violação de alguma regra. Novas normas, portanto, haveriam de ser criadas para torná-los desviantes. No mais, estes atributos teriam que ser amarrados em seus diferentes níveis, trazendo experiências variadas, em diversas situ-

⁷Ecovix é nome de uma das empresas que foram mais atuantes no Polo Naval de Rio Grande.



ações, para finalmente concretizar uma figura coesa e transversal à heterogeneidade do grupo riograndino.

4. O espaço virtual como lugar de exacerbação do conteúdo contido no cotidiano

Esse lugar de construção da identidade a partir de consensos se deu, em maior medida, nas redes sociais. Desde o começo da pesquisa a internet aparecia como lugar de reunião de queixas e denúncias sobre o “baiano”. Era ali que seu desenho firmava contornos e ganhava carne, para ser trabalhado nas ruas, nos encontros face a face. Ali se modelaram os contornos das reclamações desorganizadas, das queixas dispersas, que chegam dos espaços sociais. As redes sociais agem então como dispositivos de reunião das demandas e queixas individuais e um espaço onde se faz e são negociadas a manutenção dessas queixas. A vantagem é que nas redes sociais não há constrangimentos de censura, ou não o há tanto quanto nas relações diretas. Ali os participantes podem extrapolar suas magoas de forma completamente sincera ou mesmo exagerá-las. O custo emocional é igual ou próximo de zero.

A separação entre o espaço virtual e o espaço da vida real é contestada. Aqui a pensamos como uma diferença apenas de grau: o tom e a forma como as coisas são ditas no espaço virtual ou são omitidos nos encontros face a face, ou tem seu conteúdo traduzido, moderado. A etnografia virtual, nesse sentido, apresentou-se como uma proposta metodológica eficaz para o delineamento dos circuitos através dos quais os grupos se configuram. Ela surge da consideração da importância de formular estratégias de investigação das redes sociais, dado o peso de sua influência no desdobramento das relações sociais. Nas palavras de Lisdero e Sena (2014), “[a] Internet se constituye en un espacio social que posibilita las miradas de las interacciones sociales, y al mismo tiempo, emerge como una herramienta en la investigación social que presenta ventajas y desafíos”.

Usando essa metodologia e com auxílio do N-Vivo, tomou-se centenas de comentários dispostos em fóruns na internet e se procedeu organizando-os de forma a poder codificá-los e eleger categorias. Ao solicitar que o programa N-Vivo fizesse uma consulta de frequência das palavras que mais apareciam nos discursos sobre o “bai-



ano”, mostraram-se recorrentes termos como “ódio”, “folgados”, “raiva”, “chinelo” (gíria da região com o sentido de mal vestido, esculhambado, malandro), “sujo”, “analfabeto”, “bandido”, “promiscuo” e outros. Todos esses termos seriam aglutinados no signo “baiano”, de modo que ao evocar um deles se procederia em uma associação automática ao universo que o signo representa. Os termos apareciam tanto em declarações de níveis mais moderados, como esta:

“Humilde é uma coisa que esses baianos não são, eu odeio xenofobia, mas esses baianos foram longe demais, pra eles serem respeitados, eles tem que ter respeito com a cultura riograndina”.

Até uma mais aguda e contundente como esta:

“SEUS BAIANOS, FDP, DESGRAÇADOS, NÓS DOMINAMOS A CIDADE, ELA É NOSSA, NÃO VENHAM BANCA PRA CIMA DA GENTE, NÓS CHEGAMOS AQUI ANTES, COLOCAMOS NOSSA CULTURA ANTES, ENTÃO SEUS FORAGIDOS DA POLÍCIA, SEUS LADRÕES BARATOS, PÉ RAPADOS, PREGUIÇOSOS DO CARALHO, MAIORES PREGUIÇOSOS DO MUNDO QUE NÃO FAZEM PORRA NENHUMA, TRABALHAM O CACETE, SÓ MATAM HORA E SEM EDUCAÇÃO QUE NÃO MERECEM RESPEITO, VEM E QUEBRAM TUDO, E AI? COMO FICA O DONO DA [BOATE] LADES JÁ PENSARAM NISSO? BAIANOS, PIOR RAÇA E NÃO SOU RACISTA, SÓ TO PUTO DA CARA!!!!!!”

Nesses casos veremos citações de termos como “nojo”, “raiva”, “ódio”, o que sugere que a figura do “baiano” desperta emoções, provoca alterações sensíveis que ensejam a liberação de disposições enérgicas, hostilizações, xingamentos e até impulsos mais violentos.

5. Considerações finais

A categoria “baiano” funciona no sentido de assegurar as devidas distinções no universo cognitivo do “nativo”. Enquanto um conjunto de sinais que indicam um lugar de proveniência, a identidade do “baiano” coloca-se como um espaço social alocado na estrutura simbólica riograndina, principalmente sobre os vazios e fraturas que se abriram em função das desestabilizações estruturais ocasionadas pelo Polo Naval, e cujo posicionamento do signo “baiano” vem a suturar aquelas fraturas.

Observa-se ainda a intenção de vincular o “baiano” com aquilo que se considera “errado”, “ignóbil”, “baixo”, “feio”, “repulsivo”, “desviante”. O “baiano” apareceria como a personificação não só das infrações, mas do agente que as comete, dando margem para



a estipulação das punições adequadas para aqueles que as viessem a cometê-las, tal como a rejeição e o desprezo do grupo dos “nativos estabelecidos”.

De outro modo, a figura do “baiano”, como personificação do desvio, funcionaria como um dispositivo de manutenção da coesão do grupo estabelecido, legitimando essa posição enquanto composta daqueles que não cometem as infrações próprias dos “baianos”. Todavia, a figura do “baiano” deve estar a todo o momento sendo trabalhada, dada a tendência que mostra em deslizar, ser refratária às tentativas de definição e fixação.

Pode-se notar ainda como a figura do “baiano”, eleita como um inimigo comum pelo coletivo, torna-se alvo de pulsões raivosas, xingamentos desmedidos, hostilizações, ou seja, observa-se como esta figura influi em níveis profundos das subjetividades dos agentes, dizendo respeito às suas porções emocionais e sensitivas. O efeito inverso do ódio ao “baiano”, é o resgate da identidade do “gaúcho”, despertando emoções positivas, sensações de pertencimento, como orgulho e honra.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. - São Paulo: Editora Hucitec, 1981.
- BASTIAN, Lilian e KRONE, Evander. *O desenvolvimento em nível territorial: constatações com base nos índices de condições de vida e de desenvolvimento sustentável para o território Zona Sul do RS*. In: RODRIGUES, Léo, et al. *Crise e emergência de novas dinâmicas sociais*. - Curitiba, PR: CRV, 2014.
- BECKER, Howard. *Outsiders: estudo sobre identidades desviantes*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- CARVALHO, Diogo Sá e DOMINGUES, Marcelo Vinicius. *POLO NAVAL E DESENVOLVIMENTO REGIONAL NA METADE SUL DO RIO GRANDE DO SUL*. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 34, Número Especial, p. 933-954, 2013.
- CASTEL, Robert. *As Metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes. 1998.
- DE SENA, Angélica e LISDERO, Pedro. *Etnografía virtual: aportes para su discusión y diseño*. In:
- ELIAS, Nobert e SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- _____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. -



Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. A identidade cultural na pós-modernidade. - Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LAHIRE, Bernard. Retratos sociológicos: disposições e variações individuais. - Porto Alegre: Artmed, 2004.

MARTINS, José de Souza. A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SOUZA, Jessé. A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite. São Paulo: Leya, 2015.

SCHÜTZ, Alfred. Sobre fenomenologia e relações sociais. Petrópolis, RJ : Vozes; 2012.

Presos três envolvidos em assalto a carro-forte no RS. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/11/homens-envolvidos-em-assalto-carro-forte-no-rs-vao-para-presidio.html>>. Acesso em novembro de 2015.

Correio do Povo, Ataque a carro forte em Rio Grande deixa um morto e três feridos. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Policia/2015/11/573186/Ataque-a-carro-forte-em-Rio-Grande-deixa-um-morto-e-tres-feridos>>. Acesso em 27 de novembro de 2015.